

ISSN 3085-9026

REVISTA VOZ da PALAVRA



Vol. 1 - Nº 14
Dezembro 2025
Fortaleza/CE

Editores:
Gilson Pónthes
&
Pedro Blum

ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 1

Dezembro de 2025/Fortaleza/CE

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Editores:

Gilson de Albuquerque Pontes

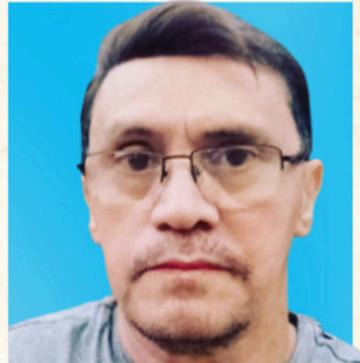
&

Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra

**UM ESPAÇO
ESPECIAL
PARA DESTACAR
OS AUTORES**

**ISSN
3085-9026**



Gilson Pónthes Pedro Blum

**Escritores e Poetas
nesta revista**

- Ana Lessa
- Bernivaldo Carneiro
- Gilson Pónthes
- Isabel Barros
- Nalandia Lívia
- Pedro Blum
- Vicente Alencar

Email: revistavozdapalavra@gmail.com

“A família é o
abrigo
onde o coração
descansa
e o amor floresce
sem pedir
permissão.”

EXPEDIENTE

Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque
Pontes
e Pedro Blum de Moura
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp

NOTA
Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.

A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.

EDITORIAL

Tema: Família — O Primeiro Lugar Onde o Mundo Começa

Em tempos de pressa, telas iluminadas e relações cada vez mais mediadas por tecnologia, falar sobre família é um gesto de resistência. A família — seja ela pequena ou grande, tradicional ou reinventada, biológica ou construída pelo afeto — continua sendo o primeiro lugar onde o mundo aprende a acontecer.

É no lar que a palavra nasce.

É na convivência diária que a alma é moldada.

É no abraço dos nossos que encontramos força para seguir.

Hoje, porém, muitos desses valores estão se perdendo entre compromissos, rotinas exaustivas e um distanciamento silencioso que cresce dentro das próprias casas. Falamos com o mundo inteiro, mas esquecemos de conversar à mesa. Dividimos fotos, mas não dividimos tempo. Conectamo-nos por redes, mas nos desconectamos de quem está ao lado.

Por isso, dedicamos esta edição da **Voz da Palavra** à família — não como um ideal perfeito, mas como território sagrado onde aprendemos a amar, errar, pedir perdão, recomeçar. Lugar de paciência, de perdão, de risos inesperados e de histórias que se entrelaçam. Relembrar a importância da família não é nostalgia: é compromisso com o que nos sustenta.

Que esta revista inspire diálogos, reconciliações, encontros e reencontros.

Que cada texto aqui acenda a chama do cuidado e do respeito.

Que possamos voltar o olhar para a casa, ouvir de novo nossas raízes e permitir que elas fortaleçam nossos passos.

Porque, no fim das contas, tudo passa.

Só o amor permanece.

E é na família que ele costuma nascer.

Revista Voz da Palavra

Onde cada página é um gesto de memória, afeto e esperança.

Editores:
Gilson Pónthes
e Pedro Blum

Editores: Gilson Pónthes & Pedro Blum

SUMÁRIO

Valores Inestimáveis

7

Aspectos de Saúde

8

O Tempo e a Família

9

Tuas Mãos

10

O Natal de Antes e o de Hoje

11

**O Natal: O Amor Que
Me Molda, o Lar que Me Sustenta**

12/13

~~Me Molda, o Lar que Me Sustenta~~

Nós

14

O Velho Chico

15

**A Família
Que Se Reinventa - Cordel**

16

Mistérios da Trave Norte

17

A família de hoje - Um cordel dos tempos

18

Os Cowboys do mar de Bitupitá

19/20

**Família é chão antigo,
herança que atravessa séculos,
tesouro de afetos raros
que o tempo nunca deveria corroer.**

**Mas hoje os filhos passam apressados,
não tomam mais a bênção aos pais,
nem seguem pelos caminhos sagrados
do Culto ou da Missa de domingo.**

**O almoço familiar —
mesa posta, risos quentes —
virou apenas lembrança.
O respeito, antes majestoso,
dissolve-se na pressa dos dias.**

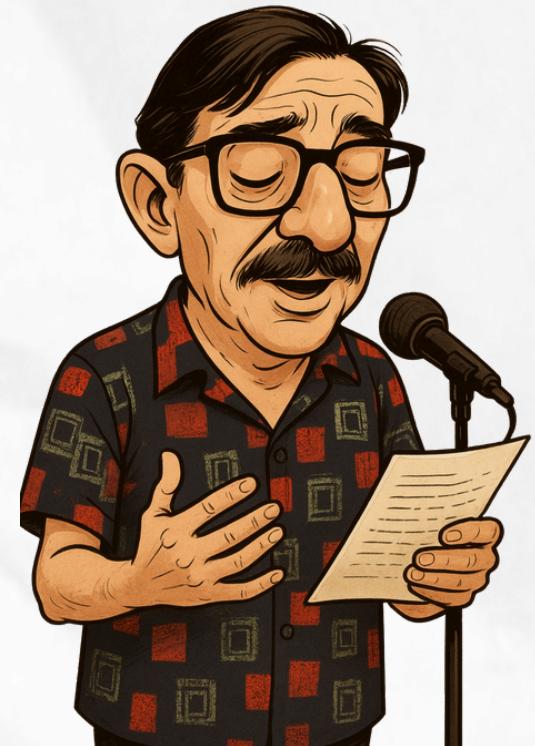
**E lá vão eles, sem notar,
que atravessar a rua ao lado dos pais
também é forma de amor;
que um simples convite para o almoço
é laço que sustenta gerações.**

**A família se perde na poeira moderna,
onde só vale quem tem mais,
e o sangue que corre na veia
parece já não reconhecer seus próprios rios.**

**Ah, como seria belo
voltar ao tempo em que o afeto
não era platônico,
nem prisioneiro de telas
que simulam sentimentos.**

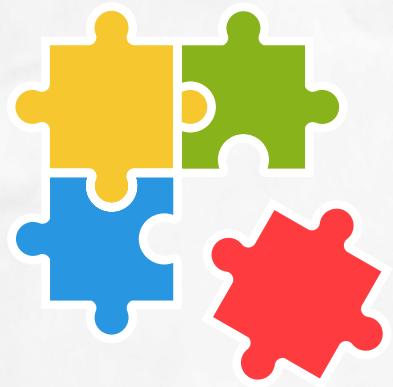
**Porque nenhuma inteligência —
por mais brilhante ou artificial —
substitui a sabedoria
de quem viveu, amou e aprendeu.**

**Que o nome dos justos permaneça,
que a memória dos bons não se apague,
e que, acima de tudo,
o lar volte a ser porto,
acolhimento
e eternidade.**



Pedro Blum

ASPECTOS DE SAÚDE



POR: PEDRO BLUM

Interatismo — Síndrome de Down — Transtorno do Espectro Autista

Nos tempos atuais, é comum testemunharmos o amor, o cuidado e a dedicação das famílias para com pessoas que apresentam essas condições, que não devem ser encaradas como doenças, mas sim como características humanas, formas diferentes de existir no mundo.

Ainda assim, infelizmente, há quem observe tais aspectos com preconceito, ignorância ou até hostilidade, tratando-os como se fossem enfermidades graves. Entretanto, médicos e especialistas são categóricos: nem a Síndrome de Down, nem o Transtorno do Espectro Autista são doenças. São condições que fazem parte da diversidade humana, e seus portadores — com raríssimas exceções clínicas específicas — estão plenamente aptos a conviver, aprender, trabalhar e participar da sociedade.

Reconhecer isso é um ato de compreensão e humanidade. É perceber que cada pessoa tem seu ritmo, sua beleza, sua forma própria de se comunicar com o mundo. É entender que inclusão não é apenas um direito, mas um gesto de amor e justiça.

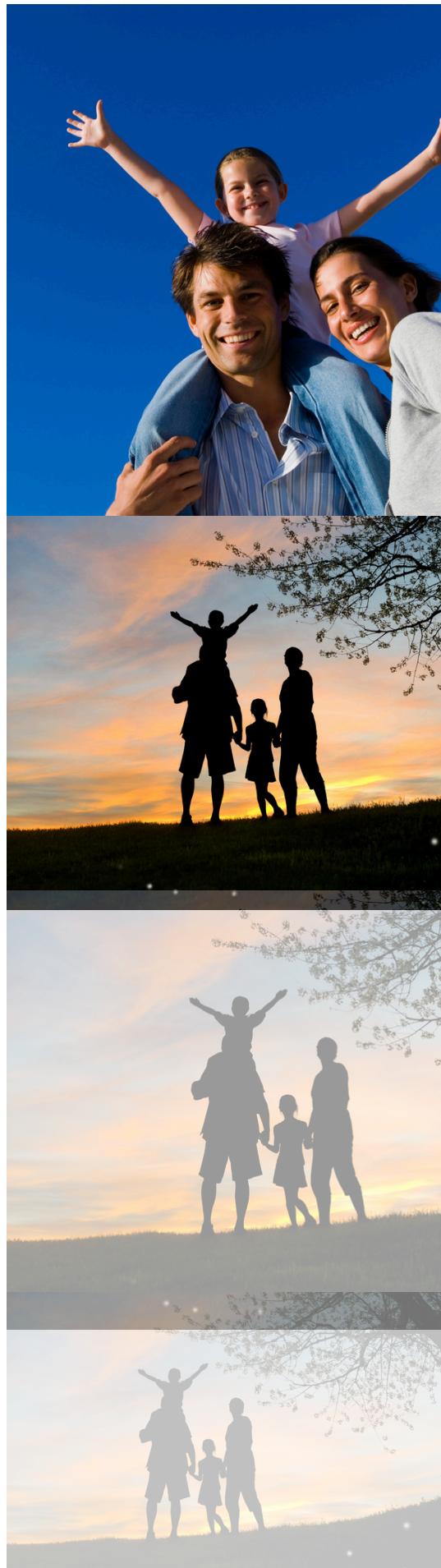
Assim, tratá-los com respeito, acolhimento e igualdade não é apenas necessário — é urgente. Amá-los, apoiá-los e valorizá-los é a forma mais verdadeira de construirmos uma sociedade mais justa, sensível e humana.

Por: Pedro Blum

Ao estabelecer uma comparação entre o tempo e a família, percebe-se uma diferença significativa na forma como esses elementos se relacionam com a sociedade ao longo das décadas. No campo educacional, é possível identificar, com precisão, mudanças que impactam diretamente o respeito, a convivência e a união familiar — aspectos que, com o passar dos anos, perderam a força que antes sustentava a estrutura doméstica.

Houve um período em que os laços familiares eram mantidos como um princípio quase sagrado. O respeito aos pais e aos mais velhos figurava como regra inviolável, compondo a base das tradições transmitidas entre gerações. A autoridade, a escuta e a presença dos mais velhos desempenhavam papel central na formação dos mais jovens.

Hoje, no entanto, observa-se que muitos desses valores se diluíram diante da velocidade das transformações sociais. O tempo, cada vez mais acelerado, impõe novas demandas e pressões, deixando para trás práticas que antes garantiam harmonia e coesão dentro do lar. Em meio à rotina marcada por urgências e desafios, a família se vê diante da necessidade de ressignificar seus vínculos para não perder de vista sua importância histórica e afetiva.



TUAS MÃOS

Vicente Alencar

Tuas mãos

**Que se elevam para o alto contritas,
em Oração,
também afagam, acariciam, amam,
como todo teu corpo.**

Tuas mãos

**que apertam as minhas
no momento sublime do amor,
São belas,
São ternas,
Sao suaves,
E me envolvem
Em ardente alegria.**





Por: Ana Lessa

UM ARTIGO DE OPINIÃO SOBRE A COMEMORAÇÃO NATALINA

Aparentemente, o Natal tem evoluído a cada ano. Antes, era comemorado com tradições religiosas vividas em família; agora, tornou-se uma data amplamente comercializada e consumista. O Natal é, essencialmente, a celebração do nascimento de Jesus Cristo. As famílias reuniam-se em jantares simples, trocavam presentes modestos e criativos, decoravam a casa com peças artesanais, participavam de missas e montavam presépios.

O Natal de hoje, no entanto, parece movido pelo comércio: exagero de presentes caríssimos, campanhas de marketing e uso intenso de tecnologias em uma ocasião que — ressalto novamente — deveria priorizar a união com as pessoas importantes. A celebração atual ostenta o “artificial”: lanches sofisticados e detalhistas, decorações feitas de plástico e árvores que são usadas apenas durante um mês para, logo depois, serem guardadas e acumularem poeira.

Em minha opinião, valorizar o “natural” seria uma bela alternativa. Por que não ter uma árvore verdadeira no quintal ou no jardim? Além de deixar o ambiente mais bonito e verde, é muito menos descartável.

No fim das contas, o Natal é sobre simplicidade, paz e união. Acredito que poucas pessoas ainda se lembram disso. Seria muito melhor se pudéssemos resgatar ao menos um pouco do que essa data já foi um dia.

Família: O Amor Que Me Molda, o Lar que Me Sustenta

12

Por: Nalanda Lívia

Família

Uma palavra breve, mas que carrega dentro de si universos inteiros de memórias. No dicionário, ela cabe em poucas linhas; na vida real, transborda. É impossível reduzi-la a “parentes” ou “pessoas que vivem sob o mesmo teto”, porque família não se descreve — se sente. Quem vive o calor de um lar sabe: nenhuma definição conceitual é capaz de conter tanta vida, tanta entrega, tanta história — porque família não cabe em linhas, cabe em sentimentos.

É na família que damos nossos primeiros passos rumo ao mundo — e, inevitavelmente, os primeiros tombos. É ali que aprendemos o que significa confiar, cuidar, dividir e recomeçar. Família não é apenas quem nos acompanha; é quem nos molda. É a mão que guia, o abraço que acalma, a voz que orienta, o olhar que nos devolve força quando achamos que não temos mais nenhuma. É onde o amor aprende a ter forma, e a vida, sentido.

Não existe família perfeita, e isso não é um defeito: é humanidade. O que torna um lar admirável não é a ausência de erros, mas a presença de amor, paciência e perdão. Em tempos em que tantos se preocupam em exibir felicidade em vez de construí-la, as famílias verdadeiras se reconhecem pelo esforço diário de compreender, insistir, acolher e recomeçar. São casas que não brilham por aparência, mas por afeto.

Vivemos em um país feito de múltiplas histórias, e isso inclui famílias que nasceram do afeto, da coragem e, muitas vezes, da resistência. Há quem cresça sem colo, sem guia, sem abraço, buscando no mundo aquilo que não encontrou em casa — e, ainda assim, constrói para si um lar no caminho. E essas trajetórias também merecem respeito — porque família não é apenas um ponto de partida, mas também algo que podemos reconstruir ao longo da vida. Às vezes, família é quem chega. Às vezes, família é quem fica. Às vezes, família é quem escolhemos ser — e isso também é amor.

Eu, porém, sou profundamente grata a Deus pela família que recebi. Minha família é minha base, meu porto seguro e a razão da minha vontade diária de vencer. Tudo o que sonho não é apenas por mim: é por nós. Porque alcançar meus objetivos significa realizar o meu maior desejo — retribuir, com dignidade e amor, cada sacrifício silencioso, cada gesto de cuidado, cada oração que fizeram por mim. Minha vitória nunca será individual; ela sempre será compartilhada com quem me ensinou a sonhar e a conquistá-la.

E deixo aqui minha dedicatória:
àqueles que são meu começo, meu abrigo e meu destino.

Que este texto seja um abraço que o tempo nunca desfaça; que cada palavra seja a prova viva de que tudo o que sou nasce, floresce e retorna ao amor que recebo.

Porque, no fim, família é o lugar para onde voltamos quando o mundo fica grande demais — e onde sempre cabemos inteiro.

Vicente Alencar

Há amor Há alegria
Há vida Entre nós.
Amamos, Sentimos,
Vivemos intensos
momentos. E nos ❤️
deliciamos!

Somos
felizes!





O Velho Chico

Isabel Barros

Olha seu moço, eu lhe mostro
Um rio em extensão.
Eu falo do São Francisco
Que passa no meu sertão.
Lá na Serra da Canastra
Onde esse rio nasceu,
Atravessando vários estados
Riquezas lá ele deu
E o homem por natureza
Dele se valeu.
Da força que o homem tem
E de sua inteligência divina

Criaram-se no Rio São Francisco
Várias usinas.
A Hidrelétrica de Paulo Afonso que
Tantas cidades ilumina...
E o homem se delicia da natureza...
Criaram-se outras usinas...
A Hidrelétrica das Três Marias
Que também cidade ilumina.
Sem falar nos verdes campos
Que as águas predominam.
E o homem por natureza divina,
Criou em Alagoas a Usina
Moxotó, sem falar em Itaipu
E em Sobradinho na Bahia.



A Família Que Se Reinventa - Cordel

Por: Gilson Pónthes

No tempo das correrias,
Da pressa que nunca cansa,
A família ainda é o porto
Que guarda a fé e a esperança.
Mesmo com tanta mudança,
Com celular na mão inteira,
É no abraço apertado
Que a vida fica verdadeira.

Tem casa que é silenciosa,
Tem casa que é barulhenta,
Tem pai virando amigo
E mãe que tudo aguenta.
Mas quando falta conversa,
O amor logo se ausenta,
Pois família sem diálogo
É raiz que não sustenta.

Os filhos vão aprendendo
Na tela e no coração,
Mas nada é tão importante
Quanto a força da união.
Família não é perfeita,
É mistura e é confusão,
Mas quando se aperta a mão,
Se cura qualquer aflição.

E no mundo que se moderniza,
Correndo sem direção,
A família que se reinventa
Sempre encontra a solução.
Pois a base continua a mesma:
Carinho, respeito e perdão.
E onde mora o verdadeiro afeto,
Mora também a tradição

Mistérios da Trave Norte

(por Bernivaldo Carneiro)

Em 1º de maio de 2025, eu seguia viagem quando o telefone vibrou com a solenidade das notícias que não solicitam licença. Era minha mulher avisando que Lua havia migrado do quarto minguante para o outro lado deste mundo e os familiares de sua enteada desejavam sepultá-la em nossa chácara. Consentí, recomendando apenas que (por meio de minha filha, doutora de humanos, mas com sensibilidade fina também por bichos) levasse meus sentimentos à família enlutada e, com o nosso caseiro, o ilustre o Dr. Chico, escolhessem um recanto digno para o descanso da finada.

Ao retornar, antes mesmo de abrir a mala, eu fui com o Dr. Chico — ele muito orgulhoso de sua obra eterna — ao túmulo de Lua. Ficava entre o muro e o poste esquerdo da trave norte, onde a bochecha da rede tocava a terra e os goleiros cansaram de recolher bolas que meu pé artilheiro depositara ali.

A tarde, vestida com um tom cinza contemplativo e voz baixa, parecia ensinar impermanência, enquanto a nossa chegada coincidiu com o levante dos tetéus (Quero-Quero) e o pouso de um bando de Alma-de-Gato. Anu-branco, para quem aboliu a poesia do vocabulário. E, pousando estrategicamente no muro, travessão e fruteiras, logo assumiram pose de coral convocado para homenagem fúnebre. Ato contínuo vieram os insólitos miados soprados por soprano, contralto, tenor — uma partitura tão improvável que até o Buda exigiria bis. Uma melodia que parecia subir do chão, como se Lua ainda arranhasse o mundo por dentro, lembrando que entre partir e permanecer há sempre um último gesto.

E assim, entre o eco dos meus gols e o coro felino das Almas-de-gato, ficou claro que alguns animais não falecem — apenas mudam de palco. Lua seguia ali, sob a bochecha da rede, no coração da chácara e na sinfonia dos pássaros. Um epitáfio vivo, ditado pela própria natureza:

“AQUI JAZ LUA: SAPECA ATÉ NO ALÉM.”



A FAMILÍA DE HOJE - UM CORDEL DOS TEMPOS

Por: Gilson Pónthes

**No terreiro dessa vida,
entre pressa e confusão,
a família vai seguindo
com amor no coração.
Mesmo cheia de desafios,
não dispensa a união.**

**Hoje a casa é diferente,
cada qual num celular,
mas quando o afeto chama,
todo mundo sabe escutar.
Porque carinho verdadeiro
não deixa de iluminar.**

**Tem mãe firme, tem pai brando,
tem criança perguntadeira,
tem avó cheia de histórias
e um avô lá na cadeira.
Cada qual com seu jeito,
sua força e brincadeira.**

**Às vezes há desentendimentos,
magoazinhas de momento,
mas o amor faz acalmar
qualquer dor ou sofrimento.
Pois família que dialoga
vence até o mau tempo.**

**Tem famílias que são grandes,
outras são de parzinho só,
tem família de amigos,
tem família sem nenhum nó.
O importante é ter respeito
pra ninguém ficar menor.**

**A família de hoje luta
contra a falta de atenção,
mas descobre que um abraço
ainda cura solidão.
Que mesa posta com afeto
é milagre em qualquer chão.**

**E assim segue a família,
construindo o seu lugar,
plantando sempre esperança
pra colheita melhorar.
Pois quem ama de verdade
faz o mundo aconchegar.**





Os Cowboys do mar de Bitupitá

Um curral de peixe começa com eles: Vaqueiros e Mata-Vaqueiros. Quem os observa de longe martelando o mar, não acredita que aquilo esteja acontecendo. Uma cena tão surreal que nos remete às lendas do herói da mitologia, Hércules.

Dois Vaqueiros se revezam para martelar a madeira com enormes porretes feitos de troncos de árvores, sobre bancos gigantescos (do tamanho da profundidade do curral) fincados no fundo do mar, em que a escora principal é a perna do Mata-Vaqueiros, uma tarefa arriscada, árdua e demorada, que se repete a cada novo mourão cravado na areia. Inicia-se de manhã cedo até o pôr do sol. Essa atividade se entende por vários dias. A quantidade de mourões obedece ao tamanho do curral.

Antigamente, a rotina marítima de despesca de curral de peixe, em Bitupitá, era muito diferente da realizada atualmente. Hoje, não ultrapassa às 19h. Na época de meu pai, Seu Pimpim, não existia limite de horário para despescar o curral. Os encarregados pelo trabalho o faziam de acordo com a vazante da maré. Lembro-me como se fosse hoje: três horas da madrugada, e o papai no melhor sono, em sua redinha de varanda... quando, de repente, chegava

alguém batendo na porta chamando por ele. O “baticum” era conhecido. Três batidas acompanhadas sempre do mesmo grito: - toc, toc, toc! - Seu Pimpim! - Seu Pimpim! - Acooorda! - Tá na hora da maréééé! Era o mata-vaqueiros encarregado pelo mestre do curral de efetuar essa tarefa. Muitos exageravam no grito de propósito. Ele saía, de casa em casa, repetindo a ação, motivo pelo qual alcunha de mata-vaqueiros.

Já pensou você acordar de madrugada, debaixo de um lençol bem quentinho, com um grito desse?! É “mê qui matar”, num é não?

Não importava se o tempo era bom ou ruim, se ventava ou se chovia... Os vaqueiros tinham que ir para o mar. Era costume, na época, despescar o curral a cada doze horas em obediência à vazante da maré. Em noites escuras de chuva, sem a orientação das estrelas, de faróis ou de equipamentos de navegação, eles saíam em canoas, muitas vezes pequenas, enfrentando o desconhecido: navegavam sobre ondas bravias, com cinco, seis... dez metros de altura, que se elevavam à frente como rochedos, formando um abismo irregular de água, além de ficarem expostos aos perigos de ataques de tubarões, baleias e outros peixes ferozes que habitam as profundezas do mar de Bitupitá.

Tela - (80 x 70), óleo sobre tela. Dois Vaqueiros segurando seus "Maios", martelos de troncos de árvores, e o Mata-Vaqueiros escorando o mourão, estaca, com a perna. É proibido errar. Você tem essa coragem?

Em exposição, Consulado Brasileiro, Genebra, Suíça.

Artista Plástico - Osdêmi do Pimpim.

Manoel Osdemi
Nasceu em Bitupitá, Barroquinha, Ceará. Ator, compositor, escritor e artista plástico. Ganhador de diversos concursos literários, nacionais e internacionais.

